

HENRY WALTER BATES

Vocação pronunciada para o estudo das ciências naturais, H. W. BATES deveria atuar no comércio, como desejava seu pai, fabricante de móveis de vime, se não o impelisse para outros rumos a curiosidade insopitável de observador dos seres vivos.

Colecionava-os, antes de atingir a maioridade, pois que nascera em Leicester, a 8 de fevereiro de 1825, quando, por volta de 1844, conheceu A. F. WALLACE, de análogos pendores.

O mestre-escola, mais velho apenas dois anos, abraçava-se em iguais entusiasmos, que os levaram, a excursões pelas paragens mais próximas.

Separaram-se, afinal, mais depois de ter acertado um pacto, ainda vago na aplicação, mais de firme execução futura.

Iriam explorar alguma terra longínqua.

Qual, porém?

O livro de WILLIAMS EDWARDS — *A voyage up the River Amazon, including a residence at Pará* — decidiu-lhe a escolha.

Já se julgavam aparelhados para a longa peregrinação, a serviço da ciência, quando, em Liverpool, tomaram modesto navio mercante, que os deixaria, a 28 de maio de 1848, no porto de Belém.

Bem diminutos ser-lhe-iam os recursos financeiros, que esperavam aumentar com a venda dos espécimes colhidos em duplicata, conforme assinalou a Enciclopédia Britânica.

Descerrava-se para ambos nova e promissora fase de vida, à luz do sol amazônico.

Ao passo que o mais velho não tardaria a regressar, o outro permaneceria por mais de um decênio a reunir amostras das espécies zoológicas regionais e a observar os aspectos fisiográficos e humanos da região que lhe abrasou o entusiasmo.

Podia, por fim, ufanar-se da colheita, que lhe permitiu contar as espécies aprendidas, inclusive oito mil que então ingressaram nos anais da ciência:

Mamais	52
Aves	360
Répteis	140
Peixes	120
Insetos	14 000
Moluscos	35
Zoófitos	5

14 712

Os trabalhos do naturalista viajante, porém, não interrompiam as suas observações de geógrafo, a quem deve a Amazônia viva narrativa de suas peculiaridades, como se apresentavam ao estrangeiro quando ia em meio o século passado. Assim, ao pisar a terra, "onde eu, afinal, passei onze dos melhores anos de minha vida", anota:

"Convém ficar aqui bem explicado que o rio Pará não é, rigorosamente falando, uma das bôcas do Amazonas..."

"Podemos, contudo, considerar o conjunto das bôcas do Pará e do Amazonas, com o seu arquipélago de inúmeras ilhas, como formando um imenso delta, tendo de cada lado 180 milhas (uma área quase igual à metade sul da Inglaterra com o País de Gales). No meio está a ilha de Marajó, que é do tamanho da Sicília".

"O Pará pode ser considerado como o estuário d'água doce, comum a numerosos rios que para ele correm, vindos do sul. O principal é o Tocantins, de 1 600 milhas de comprimento e cerca de 10 milhas de largura na foz".

Todavia, não tinha olhos somente para ver a paisagem e os animais que hábilmente caçava.

Nela percebia o povoador, em número escasso, mas impressionante.

Ao afastar-se do centro urbano, tomou por longa e estreita rua suburbana, que lhe proporcionou contacto com a população.

"Do lado de fora das portas viam-se grupos tomando fresco: pessoas de todos os tons de pele, europeus, negros e índios, mas principalmente uma mistura incerta dos três.

"Havia nesses grupos algumas mulheres bonitas, com as roupas em desalinho, descalças ou de chinelas, mas com brincos ricamente trabalhados e com colares de grandes contas de ouro.

"Tinham negros olhos expressivos e cabelos notavelmente densos. Era uma mera fantasia mas eu tinha a impressão de que o misto de desalinho, riqueza e formosura dessas mulheres estava em perfeita harmonia com o resto do cenário, pois era igualmente impressionante a mistura das riquezas naturais e da pobreza humana".

Desde a primeira hora se interessou o naturalista pelo elemento humano, de cujo curso, aliás, necessitava para o bom êxito do seu empreendimento. Esforçou-se por lhe conhecer os sentimentos e aptidões, em amistosa convivência.

"Residi no Pará, assinalaria mais tarde, quase ano e meio, aí me demorando de cada pequena excursão pelo interior, até que, em 6 de novembro de 1851, iniciei minha longa viagem ao Tapajós e ao Alto Amazonas, na qual gastei sete anos e meio.

"Durante êsse tempo, acrescentou, me familiarizei com a capital da região amazônica e seus habitantes".

E com a fauna regional. E a flora, também, embora lhe escapasse da especialidade.

Observava com atenção, para descrevê-la a primor, consoante proclamou DARWIN, seu admirador.

"Nestas matas tropicais, afirmaria, cada planta, cada árvore parece lutar para sobrepujar a companheira, esforçando-se por erguer para o ar e para a luz o ramo, a fôlha, a flor, sem consideração com as vizinhas.

"Vêem-se plantas parasitas segurando-se com robustas garras em outras, empregando-as com descuidada indiferença, como instrumentos para a sua ascensão".

Mencionou, a propósito, o cipó-matador, nome expressivo, que se ampara à sua vítima futura, para crescer e subir, até que possa estrangulá-la em abraço fatal.

"O cipó-matador, conceitua, apresenta apenas, de maneira mais saliente, a luta que forçosamente existe entre as formas vegetais destas florestas atravancadas, nas quais o indivíduo luta com o indivíduo e a espécie com a espécie, esforçando-se todos por alcançar a luz e o ar onde desdobre suas fôlhas e desenvolvam seus órgãos de frutificação". Não lhe passaria despercebida a simultaneidade assombrosa das estações em curto prazo.

"Na Europa a paisagem tem os seus aspectos de primavera, verão, outono e inverno. Nas florestas equatoriais o aspecto é mais ou menos o mesmo em todos os dias do ano: há sempre, nesta ou naquela espécie, novos rebentos, flores, frutos, fôlhas murchas".

Depois, em dia de calor crescente, desaba chuva torrencial, que passa depressa, "deixando no céu, à noite, nuvens paradas, de um negro azulado".

"Na manhã seguinte ergue-se de novo o sol num céu escampo, e assim se completa o ciclo".

"Nunca há primavera, verão ou outono, mas cada dia é uma combinação das três estações".

O confronto das espécies, especialmente de insetos, permitia-lhe considerar o problema da sua dispersão, para referir. Afirma-se geralmente que a Guiana e o Brasil, ao norte e ao sul do distrito do Pará, formam duas províncias distintas quanto à fauna e à flora".

Arrola os fatos que observa e comenta: "penso que devemos concluir que o distrito do Pará faz parte da província guianense e que, se não é uma terra mais nova que a Guiana, dela deve ter recebido a grande massa de sua população animal".

Ao passar pela baía de Guajará, define-a como "largo canal entre a terra firme e uma fila de ilhas que se estende um pouco além da cidade".

"Nela três rios despejam suas águas: o Guamá, o Acará e o Moju, formando assim um sub-estuário, dentro do grande estuário do Pará. Tem quase quatro milhas de largura".

Para leitores londrinos, estabeleceu o confronto: "O Moju, rio pouco menor que o Tâmis, está ligado ao Tocantins, cerca de vinte milhas da sua foz, por um curto canal artificial, o Igarapé-Mirim".

Depois de sulcarem o Tocantins, separaram-se os dois amigos.

Segue WALLACE para a costa nordeste do Marajó, rio Capim, Monte Alegre, enquanto BATES prefere conhecer Gurupá, Santarém e Óbidos, onde se demora de 11 de outubro a 19 de novembro.

Em rápidos traços, individualiza fielmente.

"A cidade conta cerca de 1 200 habitantes e está agradável e situada em alcançada costa, a noventa ou cem pés acima do rio... Atrás da cidade eleva-se bela montanha arredondada e há uma fila de elevações semelhantes estendendo-se a seis milhas para o ocidente, terminando na boca do Trombetas.

Montes e terras são cobertos pela mesma floresta sombria e ondulante. O rio aqui se estreita em uma garganta de menos de uma milha (1 738 jardas), e todo o volume de suas águas, produto de uma porção de caudalosos rios, é impellido por esse estreito com tremenda velocidade".

De igual maneira, descreve as localidades, em que tem ensejo de saltar, inclusive Barra, onde o companheiro o precedera por três semanas.

Aí planejam novas excursões.

"WALLACE escolheu o rio Negro para a sua próxima viagem e eu concordei em tomar o Solimões".

Partiu de Barra, a 26 de março de 1850, com destino a Ega, donde regressou a Belém, a esse tempo às vultas com a febre amarela.

BATES sentiu-se assaltado pelo mal, mas conseguiu curar-se com os remédios regionais da floresta.

E assim que recuperou as suas forças, planejou nova excursão, que o levaria ainda uma vez ao rio acima.

Observou, no Alto Amazonas, o fenômeno das "terras caídas", que se lhe afigurou semelhante a terremotos, e descreveu-o com precisão. E depois de aumentar as suas coleções, pretendeu prosseguir até as cidades peruanas, quando se viu tolhido por graves acessos de malária.

Sentindo-se enfraquecido, desistiu e regressou, a 3 de fevereiro de 1859.

Após ausência de sete anos e meio, retornou a Belém, a 17 de março. Decorridos mais três meses, o navio mercante norteamericano "Frederik Demming" agasalhou-o em seu bôjo, para a travessia do Atlântico.

"No dia 3 de junho lancei o derradeiro olhar à floresta generosa pela qual tive tanto amor e a cuja exploração devotara tantos anos".

"As horas mais tristes de que me lembro, anotaria mais tarde, foram as que passei na noite seguinte, quando senti que se partira o último elo que me prendia à terra de tantas recordações agradáveis".

De regresso a Londres, rasgaram-se-lhe mais radiosos horizontes, depois de transposta a fase de transição, em que viveu à custa das coleções entomológicas, que expunha à venda para não perecer à míngua.

Entretanto, já o bafejava a glória científica.

A convite da Linnaean Society, leu a memória que elaborara a respeito de "Insect Fauna of the Amazon Valley", e estudou argutamente o fenômeno do mimetismo.

DARWIN, que lhe percebeu a agudeza da observação, animou-o a publicar as suas notas de viagem, que afinal, em 1863, saíram a lume, com o título The naturalist on the Amazon River, que o professor C. DE MELO LEITÃO trouxe a vernáculo, e enriqueceu com centenas de anotações científicas. A propósito, afirmaria DARWIN a CHARLES LYELL que BATES "is second only to HUMBOLDT in describing a tropical forest".

Realmente, as suas descrições abrangem as cousas e sêres, imprimindo alento de vida à paisagem, que apreciava como geógrafo e naturalista. E por isso, premiou-o, em 1864, a Royal Geographical Society, com a nomeação de secretário assistente, cargo que desempenhou até sucumbir, em 1892.

VÍRGILIO CORREIA FILHO.

